

EUCLIDES, VIAJANTE

Sérgio da Fonseca Amaral
UFES

RESUMO: O texto trata da relação Euclides da Cunha / modernidade, analisando o seu pensamento sobre o Brasil, contido em *Os sertões*. Ressalta, também, a importância da viagem como um elemento fundamental para compreender o país e produzir uma identidade nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Pré-moderno; modernidade; Euclides da Cunha; Oswald de Andrade; viagem.

Em que sentido se poderia fazer uma homologia entre Euclides da Cunha¹ e os modernistas? A resposta pode ser alinhavada a partir da confluência de interesses de uma parcela de intelectuais brasileiros em colocar sob questão o problema da identidade nacional. Pois qual a preocupação central que percorre a obra *Os sertões* senão a tentativa de descrever, analisar e demonstrar um certo problema na busca de uma essência nacional? Em Euclides pesaria, sobretudo, as fontes originárias de seu pensamento, já que as teorias interpretativas da nacionalidade abraçadas e por ele deslidas² advinham das ciências sociais européias.

Aqui, proporia a hipótese de uma desleitura também feita pelos modernistas, em particular Oswald de Andrade, em relação às vanguardas européias. As desleituras presentes em Euclides e em Oswald não implicaram ruptura radical com o modelo consolidado da modernidade e, embora servissem de base analítica do Brasil do início do séc. XX, não escaparam a um certo fetiche pelo moderno por requererem, também em Oswald, a modernização despida de crítica à modernidade. Nesse sentido, o pré-modernismo e o primeiro momento do modernismo encontram-se na vertente do mundo moderno no Brasil. A modernização na qual o país entrava no início dos noventa equivaleria a um passaporte para a modernidade para grande parte da intelectualidade brasileira. Além dos autores citados, chama a atenção o caso de Monteiro Lobato, um importante nome na luta para modernizar o país, e que tinha como horizonte a solução dos males sociais via desenvolvimento econômico.

Oswald por diversas ocasiões referiu-se a Euclides como um marco originário do Modernismo e filiado ao pensamento moderno brasileiro. Transpostas algumas décadas do movimento modernista, Oswald passava a enxergar Euclides como um precursor, ao mesmo tempo que se vinculava a uma linhagem de escritores cujo traço básico seria evidenciar uma identidade nacional. Legitimava, assim, uma preocupação particular sua e o caráter principal do movimento do qual foi peça chave. De semelhante ponto de vista, o autor de *Os sertões* teria sido um marco fundador da literatura brasileira contemporânea e com isso participado, historicamente, do ajuste de contas com o “atraso” da literatura imperial e colonial. Por ironia da história, a afirmativa *a posteriori* de Oswald de Andrade vai de encontro ao comportamento modernista da primeira hora, como o de Mário de Andrade, por exemplo³. Tal reconsideração mostra um Oswald modernista preocupado em retrazar e mapear a trajetória do pensamento moderno no Brasil e demarcar os limites do que imaginava ser cânone e baliza da literatura moderna nacional.

Entre a publicação de *Os sertões* e a Semana de Arte Moderna decorreram-se vinte anos. E dez anos separam o retorno da Europa de Oswald de Andrade do lançamento do livro de Euclides da Cunha. A sobreposição cronológica instiga o interesse em procurar correspondências nos acasos da história e observar em atos singulares de tempo e espaço diferentes, contudo, convergidos a um universo social análogo, os pontos que se tocam. Desse modo, importa realçar o traço comum da *viagem* a integrar o horizonte dos dois escritores como um elemento fecundador da nacionalidade. Porém, o sentido da seta indica a diferença de rumo, pois em um aponta para o exterior e em outro para o interior. Para Euclides, a chave do entendimento da brasilidade encontra-se na interiorização, revestindo sua busca e obsessão. Ao deslocar-se do litoral para o sertão baiano com o objetivo de cobrir o conflito do exército republicano contra os sertanejos e colher material jornalístico, Euclides parte imbuído de certezas científicas da inferioridade de uma raça mestiça que tendia naturalmente ao desaparecimento⁴. Nesse ponto reside uma contradição. Para o escritor, interpretar o Brasil dependia da viagem ao interior, mas entender o país significava estar atrelado a conceitos internalizados e estereotipados da cultura externa. O ponto de partida da raça como hipótese científica válida colocava em questão a terra de mestiços ao mesmo tempo que justificava uma condição humana inferior perante o mundo moderno. A única possibilidade de solucionar tal contradição seria apostar no há-de-vir, pois se a raça forte ainda não existia

e sua proveniência demandava um longo tempo, o Brasil, para não perecer, apenas se constituiria como nação, jogando-se na aventura de ser um país a realizar-se no futuro. A teoria das raças ficaria, assim, entre nós, um tanto quanto deslocada por sua característica de olhar alheio. Para explicar o espírito mestiço e selvagem, havia a necessidade de se acoplar o atrasado, destituído de civilização. Desse modo, teríamos de nos resignar à condição extemporânea à modernidade, não restando outra alternativa senão tentar acompanhar e seguir os passos da modernização imposta pelo mundo moderno. Para Euclides, a convicção na neutralidade da teoria científica impunha-se como uma tarefa descritiva para objetar e rejeitar o passado e o presente e ser uma catapulta para edificar um grande país civilizado no futuro, ou, em outros termos, moderno.

O conflito litoral/sertão, cidade/campo, moderno/pré-moderno, bárbaro/civilizado está configurado n' *Os sertões* já a partir da descrição do meio ambiente, passando pelo homem e fechando com a luta, emblemando o perpétuo conflito de projetos sociais no Brasil. No caso específico, a guerra civil de Canudos, segundo as descrições de Euclides da Cunha, assumiu proporções genocidas, abalando o próprio narrador estribado nos estudos científicos. O genocídio, para o interesse de sua análise, poderia passar como a simples demonstração empírica do evolucionismo, com a raça fraca apenas cedendo o seu lugar histórico a uma mais forte. Mas não é essa a conclusão que podemos tirar de seu livro. Para interpretar e formular a nacionalidade brasileira, Euclides conta com mestiços variados e não com a desejada raça uniforme. Por isso, a resposta sobre o futuro do país repousa, antes de mais nada, num suporte biológico a ser concluído para que uma civilização brasileira nasça dos escombros de uma raça híbrida. Logo, a expectativa de *Os sertões* sobre a nossa permanência como povo é categórica: modernize-se ou pereça⁵. Sob esse raciocínio, os mestiços estariam, primeiro, destinados a desaparecerem para ceder espaço a uma estirpe capaz de adequar-se ao mundo moderno; ou, segundo, não desaparecendo, findariam na barbárie. Se assim fosse, a história estaria cumprindo seu papel de desalojar os não aptos. Por fim, seria importante sublinhar que *Os sertões* não defende um projeto utópico, ao contrário de alguns textos em louvor da modernidade. Na narrativa, isso dificilmente poderia prefigurar, pelo menos por dois motivos: um, o princípio teórico e metodológico que o norteia; dois, a narração intensifica paulatinamente a denúncia do crime cometido em Canudos. O massacre praticado contra os sertanejos deixa o narrador perplexo diante de um exército o qual deveria representar a República e a sua missão

civilizatória. Um imaginário utópico desnortearia o tom melancólico da narrativa, reduzindo o efeito da denúncia e retirando de cena o raciocínio levado a cabo pelo texto cujo autor procurara analisar uma sociedade condenada ao aquém da modernidade.

Construído sob o paradigma da ciência, *Os sertões* esteve envolvido, durante décadas, numa polêmica na qual os contendores debatiam-se entre ser a obra literária ou científica, fato que mais tarde veio a ser avaliado como a força do livro ao estabelecer uma conexão paradoxal na construção do texto⁶. Sob a retórica cientificista de *Os sertões* há hesitação do narrador sobre os sertanejos à medida que vai tomando contato mais direto com o jagunço e as suas peripécias guerreiras frente aos militares. Ao deslocar-se para o sertão, Euclides mune-se de um ponto de vista preconcebido que aos poucos vai se alterando, minado em seu espírito pelas contradições do campo de batalha⁷. Em sua viagem para o cenário da guerra, o autor é obrigado a abandonar pelo caminho algumas certezas, impregnando o texto que, ao final, revela-se ainda crédulo na inferioridade da raça sertaneja, mas ressaltando o terror dos modernos⁸. De um lado, o livro aponta para a falta de luzes dos primitivos⁹, mas de outro não deixa de registrar o quão sombrio são os civilizados. Todavia, essa não seria a única viagem de Euclides. A sua necessidade de conhecer o país para analisá-lo, entendê-lo e contribuir para o acervo da construção da identidade o levou aos diversos pontos do território nacional. A viagem intestina de Euclides não assume um caráter mítico, mas é fortemente simbólica por já apresentar um traço de integração nacional dos diversos homens brasileiros espalhados pelas regiões do país. Assim, como viajante em sua própria terra, Euclides pretendeu mapear a gente brasileira para o futuro amálgama da nacionalidade e civilidade. O título *Os sertões* é o olhar do viajante urbano perante a terra ignota e, ao mesmo tempo, representa o sonho e pesadelo da modernidade do Brasil-pré-moderno.

Notas

¹ Oswald, em uma de suas entrevistas, arrolou Machado de Assis e Euclides da Cunha como antecedentes do Modernismo e como máximos expoentes do pensamento da modernidade brasileira: “ – Machado de Assis e Euclides da Cunha caracterizaram o começo do século – afirma-me Oswald de Andrade. – Coloco um e outro no partido de toda a literatura moderna nacional, pois deles partiram duas linhas mestras de nossas letras:

o campo e a cidade, temas essenciais do Brasil. A pesquisa do espírito em Machado e a da terra em Euclides sugeriram filões e contribuíram para o 'estouro' da Semana de Arte Moderna. Nossa revolução literária tem essa linhagem. [...] Euclides, por outro lado, anunciou a terra com uma superioridade imensa sobre seus epígonos do nordeste. Criou-se em torno dele um verdadeiro sistema solar. Euclides é um sol e ao seu redor surgiram inúmeros planetas. Euclides esgotou o tema marxista do homem ligado à terra. Para Oswald de Andrade, o romancista de *Brás Cubas* e o autor de *Os sertões* são dois homens fundamentais na nossa formação. – Um acreditou e outro não – observa o entrevistado – e isso produziu um fundamento dialético formidável, até hoje vigente, que é o substrato de toda a nossa ideação. Daí nasceu o que há de melhor e mais verdadeiro em nossa literatura”. Entrevista a Mário da Silva Brito para o *Jornal de Notícias*, São Paulo, 26.02.1950. In: Andrade, Oswald de. *Os dentes do dragão*, São Paulo: Globo, 1990. (Obras Completas Oswald de Andrade). P. 161.

² “(...) Seja como for, é tão central o papel do tropeço na leitura de *A luta das raças*, que ignorá-lo é transtornar a obra euclidiana. Na verdade, não saberíamos bem imaginar como seria *Os sertões* sem a desleitura de Gumpowicz. O fato é que seria outra coisa”. Costa Lima, Luiz. *Terra ignota*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. P. 32.

³ “Euclides da Cunha transformou em brilho de frase sonora e imagens chiques o que é cegueira insuportável deste solão; transformou em heroísmo o que é miséria pura [...]”. Andrade, Mário de. Apud Costa Lima, Luiz. *Op. cit.* P. 22.

⁴ “Primeiros efeitos de variados cruzamentos, destinavam-se talvez à formação dos princípios imediatos de uma grande raça. Faltou-lhes, porém, uma situação de parada ou equilíbrio, que lhes não permite mais a velocidade adquirida pela marcha dos povos neste século. *Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo*”. Cunha, Euclides da. “Nota Preliminar”. *Os sertões*. Grifo meu.

⁵ “Estamos condenados à civilização. Ou progredimos ou desaparecemos. A afirmativa é segura”. Cunha, Euclides da. *Op. cit.* P. 60.

⁶ “Ao mesmo tempo que afirma e a reafirma sua teoria racial, vai mostrando a inventividade incrível dos canudenses, que desenvolvem sofisticadas táticas de guerrilha para enfrentar uma guerra de tipo convencional. Estas, ele as registra, sem perceber a contradição em que está caindo. (...) A repetição incessante de afirmações contraditórias oferece a possibilidade de se ler dois livros num só. (...) Como essas afirmações surgem entrelaçadas, a resultante literária é a presença constante da figura da antítese e do oxímoron”. Galvão, Walnice Nogueira. *Gatos de outro saco*. São Paulo: Brasiliense, 1981. P. 81.

⁷ “A trajetória que o pensamento de Euclides percorreu com relação ao que ele pensava da guerra é curiosa de ser acompanhada nas páginas sucessivas desse *Diário [Diário de uma Expedição]*. Não é, aliás, muito diferente do que se passou com os demais repórteres”. Galvão, Walnice Nogueira. *Op. cit.* P. 76.

⁸ “É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...”. Cunha, Euclides da. “Duas Linhas”. *Op. cit.* P. 435.

9 “... E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão, em que se apóia o passo dos peregrinos...”. Cunha, Euclides da. “Como se faz um monstro”. *Op. cit.* P. 122.